Estudo preliminar de duas dimensões na supervisão de psicoterapia

ROGÉRIO CHRISTIANO BUYS*

1. Introdução; 2. Método; 3. Discussão.

1. Introdução

A clássica discussão em torno das abordagens experiencial e didática no treinamento e supervisão de psicoterapeutas tem oferecido tentativas de integração por meio de recursos tais como gravações, filmes e escalas de medida, ensinando-se didaticamente as condições experienciais necessárias à psicoterapia – compreensão empática, consideração positiva e autenticidade (Carkhuff e Truax, 1976).

Estes trabalhos mostram que é possível ensinar uma pessoa a conhecer e dar respostas terapêuticas (que levam à auto-exploração profunda) em situação experimental e que é possível e proveitosa a integração entre as abordagens experiencial e didática em supervisão e treinamento (Truax, Carkhuff e Douds, 1976).

Este artigo examina a integração das abordagens experiencial e didática em supervisão de psicoterapia em consultório, propõe mais uma dimensão – a dimensão terapeuta-cliente – e verifica se os supervisandos são capazes de reconhecer os conteúdos resultantes do cruzamento experiencial-didático e terapeuta-cliente, conforme o quadro apresentado mais adiante.

A situação de psicoterapia em consultório também necessita, além de um início, onde o supervisando se familiariza com as condições básicas, de acompanhamento constante. A atuação do supervisor deve ser abrangente e, ao mesmo tempo que didática, não deve desatender aos aspectos fundamentais da relação, que são os experienciais. A situação de supervisão é, pois, um diálogo onde, a nosso ver, as vertentes didáticas racionais estão inextrincavelmente ligadas às experiências afetivas. Desde que caiu o mito do terapeuta *neutro*, conforme tem mostrado exaustivamente Rogers, os aspectos experienciais da relação têm sido cada vez mais enfatizados (Carkhuff, 1967).

* Diretor do Centro de Psicologia da Pessoa; Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Entretanto, a nossa prática mostra que a integração das abordagens experiencial e didática carece de maior discriminação no sentido de tornar-se menos sincrética em dois aspectos básicos: a) a distinção entre supervisão e psicoterapia e, conseqüentemente, a distinção entre terapeuta (supervisando) e seu cliente; b) o momento de considerarmos o material trazido pelo supervisando, do ponto de vista didático ou experiencial.

Quanto ao primeiro aspecto, a conceituação de abordagem experiencial confunde-se facilmente com psicoterapia; segundo Rogers, "o princípio geral que parece aplicável aqui é o de que se o clima da situação de ensino e o relacionamento entre o professor e o futuro terapeuta fossem os mesmos existentes na terapia, o novo terapeuta começaria a adquirir um conhecimento visceral do que é uma experiência terapêutica". (Scheeffer et alii, 1976). Entretanto, em supervisão, é muito importante não perder de vista o cliente deste terapeuta que está tendo um conhecimento visceral do que é uma experiência terapêutica. O segundo enfatiza o atendimento passo a passo dos dois aspectos de um único processo – o processo de experienciação (Gendlin, 1970).

A discriminação que propomos consiste em cruzar a dimensão didático-experiencial com a dimensão terapeuta-cliente, formando o seguinte esquema:

	DID	EXP
T	DT	ET
C	DC	EC

Nele vemos que as intervenções do supervisor podem ser didáticas ou experienciais e focalizarem o terapeuta ou o cliente, isto é, didáticas focalizando o terapeuta, DT; experienciais focalizando o terapeuta, ET; experienciais focalizando o cliente, EC; didáticas focalizando o cliente, DC. É natural que "focalizando o cliente" significa focalizando a maneira como o terapeuta *sente* ou *pensa* seu cliente.

2. Método

2.1 *O instrumento*

Trata-se de um formulário com quatro itens e sete respostas possíveis em cada um, que foi aplicado nos terapeutas.

Cada item refere-se a uma das quatro possibilidades, isto é, DC, DT, EC e ET.

Os itens são, por exemplo, do tipo: DC – "Uma das possíveis atividades da supervisão consiste em o supervisor levantar hipóteses concernentes ao entendimento racional de seu cliente (compreensão racional de mecanismos psicológicos)".

Então é dado ao sujeito dois exemplos:

a) "Talvez seu cliente esteja faltando porque sente que a terapia o esteja afastando de sua noiva".
b) "Como você entende o fato de seu cliente estar sempre com sono? ".

Exemplo de ET – "Outra atividade possível na supervisão consiste em o supervisor levantar hipóteses quanto à sua atuação que permitem tornar mais claros seus sentimentos em relação ao seu cliente."

Dois exemplos:

a) "Como você experimentou a angústia dele (cliente) neste momento? "
b) "Como foi para você esta agressão? "

Nas instruções prévias, o aplicador enfatizava que qualquer das formas de intervenção do supervisor poderia ou não ocorrer, isto é, não teria que ocorrer obrigatoriamente, e a mesma coisa era feita antes de cada item, no sentido de evitar-se qualquer tipo de indução.

Após a leitura e a verificação de se o sujeito tinha entendido o item e os exemplos, colocavam-se as perguntas: "Você acha que este tipo de intervenção ocorre na sua supervisão? ".

	Sim	Não
(Em caso afirmativo)	"Você gostaria que ocorresse mais? Está satisfeito? Gostaria que ocorresse menos?	
(Em caso negativo)	"Você gostaria que ocorresse?	Sim Não

As respostas foram codificadas como se segue:
"Você acha que este tipo de intervenção ocorre na sua supervisão?"

	Sim 1	Não 2	
(Em caso afirmativo)	Mais 3;	Satisfeito 4;	Menos 5.
(Em caso negativo)	Sim 6;	Não 7.	

2.2 *Os sujeitos*

Trata-se de um grupo de 15 terapeutas iniciantes, recém-formados, a maioria, ou no último ano do curso de formação de psicólogos. Dez pertencem ao subgrupo *X* e cinco ao subgrupo *Y*.

Os supervisores são seis com pelo menos três anos de prática de supervisão e os supervisandos tinham oito meses de prática terapêutica.

O grupo de terapeutas atendia a uma média de 30 clientes no momento da investigação. O trabalho dos terapeutas foi feito com clientes da comunidade carente de recursos.

Tanto terapeutas como supervisores trabalham dentro de uma orientação basicamente centrada no cliente.

2.3 *Predições*

1. Se os sujeitos não reconhecessem qualquer dos conteúdos das intervenções, as respostas se agrupariam em 2, isto é, 2,6 e 2,7.
2. Se os sujeitos percebessem os itens e perguntas de maneira ambígua, de forma não suficientemente clara para poderem decidir de modo unívoco, as respostas se distribuiriam aleatoriamente em todas as perguntas.
3. A relação entre satisfação/insatisfação, 1,4 e 1,3; 1,5 e 2,6, deverá ser nitidamente diferente nos dois grupos, de acordo com a percepção dos supervisores.

2.4 *Resultados*

1. As respostas codificadas como 2, isto é, "esta forma de intervenção não ocorre na minha supervisão", foram 8,3% do total.
2. A possibilidade de que as respostas pudessem ter sido dadas aleatoriamente foi afastada a um nível de significância de 0,001 (χ^2) (quadro 1).
3. A comparação entre satisfação/insatisfação entre os dois subgrupos confirmou a hipótese dos supervisores (quadro 2).

Quadro 1

χ^2

	1,3	1,4	1,5	2	Total
DC	5	6	1	3	15
ET	6	8	1	0	15
DT	4	10	0	1	15
ET	5	9	0	1	15

$\chi^2 = 45{,}3$
gl = 9

Quadro 2

	Grupo Y	Grupo X	
Sat. 1,4	6	27	
Ins. 1,3; 1,5; 2,6	11	12	
	17	39	

	Grupo Y	Grupo X	
Sat. 1,4	0,35	0,70	0,57
Ins. 1,3; 1,5; 2,6	0,65	0,30	0,43
	1,00	1,00	1,00

3. Discussão

Os resultados do estudo experimental parecem confirmar que os supervisandos reconhecem os conteúdos das intervenções dos supervisores como ocorrendo em suas supervisões e, além disso, são capazes de avaliar a freqüência com que ocorrem no sentido de atendê-los ou não; isto é, a relação entre o somatório de 1,4 (está satisfeito) com o somatório de 1,3 (quer mais), 1,5 (quer menos) e 2,6 (não ocorre, mas gostaria que ocorresse) mostra nítida diferença entre os dois subgrupos, como previam os supervisores.

A natureza deste trabalho não nos permite, nem essa é a sua finalidade, avaliar a eficácia dessa forma de integração das abordagens experiencial e didática, daí as considerações entre satisfação/insatisfação restringirem-se apenas à freqüência com que estas intervenções ocorrem.

Podemos hipotetizar que estes são conteúdos importantes em uma supervisão, pois a possível menor freqüência em qualquer deles foi respondida pelos supervisandos, no formulário, como querendo que a freqüência fosse maior e raramente menor, partindo-se do princípio da homogeneidade na atuação dos supervisores (Zaoni e Neuman, 1974).

Duas limitações devem ser ressaltadas: a) referimo-nos ao conteúdo ou ao que é focalizado nas intervenções dos supervisores, e não à forma como são feitas. A forma como são apresentadas no formulário é de acordo com a orientação centrada no cliente. Acreditamos que a forma da intervenção seja fator importante mas não é tratada neste trabalho; b) circunscrevemo-nos às duas dimensões referidas; pode-se cogitar de outras interferindo, por exemplo, na comparação satisfação/insatisfação entre os dois subgrupos.

As intervenções cujos conteúdos mais se aproximam dos de uma psicoterapia são aqueles que se referem ao terapeuta, isto é, didático e experiencial focalizando o terapeuta, mas que se distinguem desta enquanto se referem à experiência ou aos processos psicológicos que ocorrem no terapeuta gerados na relação com seu cliente.

Bibliografia

Zaoni, Brecha & Neuman, Micha. Supervision from the point of view of the supervisee. *American Journal of Psychotherapy, 28* (1): 109-10, Jan. 1974.

Carkhuff, R. *In*: Berenson, B. G. & Carkhuff. *Sources of gain in counseling and psychotherapy*. 1967.

Carkhuff, R. R. & Truax, C. B. Treinamento em aconselhamento e psicoterapia: uma avaliação de uma abordagem integrada didática e experiencial. *Journal of Consulting Psychology, 29* (4): 333-6, 1965, *In*: Scheeffer, R. et alii. *Estudos sobre aconselhamento psicológico*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1976.

Gendlin, E. T. A Theory of personality change. *In*: Hart, J. T. & Tomlinson, T. M., ed. *New directions in client-centered therapy*. Boston, Mifflin, 1970.

Rogers, Carl R. The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. *Journal of Consulting Psychology, 21*: 95-103, 1959.

Scheeffer, R. et alii. *Estudos sobre aconselhamento psicológico*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1976.

Truax, C. B.; Carkhuff, R. & Douds, John. Rumo a uma integração das abordagens didática e experiencial para o treinamento em aconselhamento e psicoterapia. *Journal of Counseling Psychology, 11* (3): 240-7, 1964. *In*: Sheeffer, R. et alii. *op. cit.*